

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

A globalizagao pode ser desativada
[Globalization can be disable]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Montemayor, Carlos
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-05 14:35:58
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163398

“A globalização pode ser desativada”

Entrevista com Carlos Montemayor

*Carlos Montemayor é autor, tradutor, ensaísta, poeta e narrador mexicano. Formou-se em Letras Ibero-Americanas na Universidade Nacional Autônoma de México (UNAM). Foi professor da Universidad Autónoma Metropolitana- Azcapotzalco (UAM-A). Conferencista reconhecido e lido em diversos institutos e universidades do México, da América Latina, da Europa e dos Estados Unidos, membro do Conselho Científico Internacional, da Association Archives de la Littérature Latino-Américaine, des Caribes et Africaine du xxe siècle, da Academia Mexicana da Língua Espanhola, é especialista em tradição oral dos maias de Yucatán e impulsor da nova literatura escrita na língua desse povo e Correspondente da Real Academia Espanhola. Entre as distinções nacionais e internacionais recebidas, destacamos o Prêmio Internacional Juan Rulfo por seu conto **Operativo en el trópico**; o Xavier Villaurrutia por **Las llaves de Urgell**; e o Prêmio de narrativa Colima, em 1991, pela novela **Guerra no Paraíso**, na qual demonstra que entre Emiliano Zapata e o subcomandante Marcos, houve outros mexicanos que se levantaram contra a infâmia da miséria. Destacamos, entre suas obras, o importante livro **Chiapas, la rebelión indígena de México**. Madrid: Espasa, 1998. Para Montemayor, a própria globalização está produzindo elementos teóricos, técnicos e sociais de protesto, dando início a um movimento mundial que lhe dá combate. Ele localiza no EZLN práticas e propósitos que renovaram a linguagem política do México e deram dimensões nacionais à luta dos povos indígenas, que é antiga, continental, e se assemelha às lutas de outros povos e grupos sociais, cujos interesses e características os Estados e empresas líderes da globalização desejam homogeneizar.*

Publicamos a seguir, trechos da entrevista concedida por Montemayor a **IHU On-Line** por telefone, na sexta-feira passada.

IHU On-Line - Há quem veja no Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) o precursor dos movimentos antiglobalização, especialmente do FSM. O senhor confirma esta idéia?

Carlos Montemayor - O EZLN foi a origem de um despertar mundial contra a globalização nos encontros chamados intergalácticos, celebrados nas águas quentes dos territórios Zapatistas. Foi a primeira mobilização, antes de Seattle, de Washington, de Davos e de Porto Alegre, com caráter internacional e contra a globalização.

IHU On-Line - Qual o significado dos 20 e 10 anos do Movimento Zapatista?

Carlos Montemayor - São muitas as dimensões que envolvem o EZLN. Primeiro, é uma continuidade dos movimentos guerrilheiros mexicanos que se iniciam desde 1965 na serra Chihuahua. Eu tenho comentado que o amanhecer do primeiro de janeiro de 1994, nas montanhas de Chiapas, começou, na realidade, no amanhecer do 23 de setembro de 1965, nas montanhas de Chihuahua. Há uma continuidade ininterrupta de uma guerrilha mexicana que foi desconhecida porque tem sido calada, desmentida e negada pelo governo mexicano. Em um sentido, então, o EZLN é uma continuidade dos movimentos guerrilheiros. Em outra dimensão, é uma continuidade dos movimentos indígenas armados. Há uma longa história de mobilizações armadas indígenas de muitas décadas. Diante destas grandes dimensões de mudanças de gerações dirigentes e contingentes, o EZLN apenas é um despontar, um pequeno princípio. Em outro aspecto, o EZLN tem renovado a linguagem política no México e tem conseguido situar em escala de debate nacional o tema dos direitos dos povos indígenas, sobretudo em um país como o nosso cuja cultura é profundamente indígena. Um outro aspecto a levar em conta nestas celebrações é que o EZLN é parte de um processo continental de ressurgimento, de consciência e ativismo político dos mapuches do alto Bío-Bío, os aimarás, na Bolívia e os quíchuas peruanos ou os maias da Guatemala ou os indígenas canadenses. Há um movimento importante em nível continental. O EZLN é uma dimensão reconhecida por todos os povos indígenas do continente.

***IHU On-Line* Qual é a incidência que o movimento zapatista está tendo no mundo hoje?**

Carlos Montemayor - Para entender a incidência do EZLN, devemos entender o momento que estamos vivendo. O mesmo processo econômico da globalização está produzindo seus próprios anticorpos, sua própria contenção. Os devastadores efeitos de empobrecimento devem-se à mecânica específica de livre mercado que concentra cada vez mais poder em um menor grupo de empresas transnacionais. Quando estas empresas transnacionais controlam todas as fronteiras, então o resultado mecanicamente é o de fortalecer os núcleos de empresas transnacionais e empobrecer cada vez mais as empresas locais, os consumidores locais, e, portanto propor o desenvolvimento da economia do mundo como o desenvolvimento dos consórcios transnacionais e não como o crescimento de políticas de controle ou bem-estar da sociedade humana. O benefício das práticas globalizadoras se concentra nas sociedades anônimas das empresas transnacionais. Em outras palavras, para empresas como Monsanto, DuPont e outras, a investigação científica sobre alimentos e a manipulação genética de grãos, se coloca como a única possibilidade de resolver aparentemente a fome no futuro. Mas não é assim, porque só o que estão mostrando, em numerosos lugares, é que com essa manipulação genética e com este controle tecnológico da produção de alimentos e de grãos está-se assegurando somente o controle de clientes cativos, mas não o controle da fome ou da desnutrição. Dessa forma, a globalização está produzindo elementos teóricos, técnicos e, sobretudo, sociais de protesto e de início de um movimento que vá contra a corrente.

***IHU On-Line* - Movimentos como o EZLN ou o FSM estão tendo uma influência nas esquerdas tradicionais? Também elas fazem parte desse movimento contra-corrente?**

Carlos Montemayor - Neste momento, necessitamos que todas as esquerdas tradicionais ou novas, altermundistas ou conservadoras, necessitamos que todos os seus militantes estejam dispostos a participar na contenção destas políticas globais. Neste momento, é fundamental tomar consciência de três pontos. O primeiro é que a globalização não é algo fatal, nem natural, nem iniludível. Vinte anos atrás nos faziam crer que era inevitável. A globalização não é como as leis naturais do inverno ou da primavera. O segundo ponto importante é que esse conceito de livre mercado, na realidade tem rosto, assinatura, nomes e contas bancárias. Portanto, esses núcleos são os que querem se fazer passar como etéreos e invisíveis, mas são os que concentram o poder sobre Estados, fronteiras, países e governos; governos que têm nomes, rostos, funções e responsabilidades. A grande fortaleza destas poucas firmas transnacionais quer sufocar a todos os países que possam ter o mínimo de mercado que a elas interesse. Devemos ter consciência de que essa força antinatural, elitista, quer atropelar e se impor sobre governantes, poderes legislativos, supremas cortes de justiça, universidades públicas, sociedades inteiras. Essa força pode ser identificável, desativada, denunciada. Este é um processo importantíssimo, para o qual é bem-vindo todo o grupo, sindicato, corporação, que seja capaz de denunciar, onde estiverem, estes procedimentos. O terceiro ponto, também essencial, é que a única possibilidade que temos, se as coisas continuarem assim, é a da pobreza, da fome, do analfabetismo. A única possibilidade é agir e desativar este mecanismo mundial e monstruoso. Quando chegemos a este terceiro ponto, não sei se nós estaremos ainda entre os vivos ou entre os desaparecidos, mas no primeiro e segundo ponto, cabemos todos aqueles que estejamos dispostos a participar, agora, da perspectiva ou do ângulo ideológico que queiram. Eu, neste momento, não me oponho a escolher ou selecionar quem tem direito a participar e a protestar para conter estes movimentos.

***IHU On-Line* - De que forma o EZLN está realizando essas mudanças, levando em conta que, segundo John Holloway é um exemplo dos grupos que estão mudando o mundo sem tomar o poder?**

Carlos Montemayor - É um movimento que não trata de tomar o poder: isto é algo incrível. É um movimento incluyente. É o surgimento de um pensamento secular no mundo camponês, indígena de nosso continente, como existem semelhantes em outros continentes. Eles propõem algo elementar: no mundo podemos caber muitos e podemos caber muitos sendo diferentes, e podemos caber muitos para seguir sendo diferentes. Este processo é fundamental, porque a globalização também tende a homogeneizar necessidades,

satisfações e padrões de comportamento. Na medida em que somente Hollywood seja a produtora de arte cinematográfica no planeta, então tenderíamos a ver a atividade cinematográfica como um procedimento somente das transnacionais que, no planeta, manejam produção, propaganda e salas de exibição. Na medida em que haja uma resistência de produção de cinema brasileiro, venezuelano, espanhol, italiano, mexicano, nessa medida nós estaremos impondo uma visão includente à visão excludente da globalização. Esta descoberta e plataforma do EZLN é básica. Eles colocam desde o início “nunca mais sem nós”, quer dizer, um “todos” que inclui uma diversidade que corresponde exatamente à realidade mundial. Da mesma forma em que a globalização econômica quer homogeneizar necessidades e satisfações, também as armas do país globalizador por excelência, querem excluir e impor o uso de culturas, línguas, costumes, visões de mundo, e emprego de hidrocarbonetos [combustíveis fósseis] de acordo com sua própria visão homogeneizadora do mundo. Então, agora, em todos os aeroportos do planeta estão sendo vigiados todos aqueles que não estejam de acordo com o padrão básico dos anglo-saxões ou dos países do primeiro mundo. Todos os que não sejamos desse esquema globalizante somos suspeitos. A defesa da pluralidade, que é a realidade mundial, é a bandeira e a linguagem inicial profunda ressonante do EZLN.

IHU On-Line - Qual a visão oficial que o governo divulga do EZLN?

Carlos Montemayor - O governo pretende dizer que já não existe o zapatismo, que Marcos está morto, que é de outro mundo, que as Juntas de Bom Governo¹ não existem, que os simpatizantes zapatistas não existem, que a solidariedade internacional não existe. A negação, como sistema, no governo Mexicano e em qualquer governo hegemônico do planeta é a mesma. O governo Bush nega que a resistência no Iraque seja uma resistência social, nega que os EUA são condenados por seu governo no planeta inteiro, nega que o atropelo dos EUA seja uma negação da democracia, nega a validade da Corte Penal Internacional, se é aplicada a eles ou ao governo de Sharon, em Israel. Estamos diante de políticas que negam para excluir e que negam para evadir realidades. O governo do México nega desde muito tempo atrás todas as suas carências e dificuldades. Essa é a versão oficial de México: negar os conflitos sociais e propor um país utópico como o da realidade de seus sonhos.

IHU On-Line - Qual é o principal desafio do zapatismo atualmente?

Carlos Montemayor - O mais importante do EZLN é o estabelecimento e desenvolvimento das Juntas de bom Governo, porque elas constituem o mecanismo de materialização dos acordos de Santo Andrés², que de certa forma derivam também do Convênio 169 da Organização Internacional do Trabalho, que o México subscreveu em 1989 e que o Senado da República ratificou em 1990. Ou seja, o governo mexicano tem dito três vezes a mesma coisa: duas em âmbito internacional e uma nacional, mas apesar disso não cumpriu nada. As Juntas de Bom Governo são a resposta que o EZLN deu à negativa de Estado. Depois da marcha zapatista de 2001, o Poder Executivo mexicano deu às costas às reformas institucionais de Santo André e também às do Poder Legislativo e à Suprema Corte de Justiça. Estamos falando do Estado mexicano, não de um grupo do governo mexicano: uma negativa de Estado. O EZLN responde a essa negativa com uma práxis política, com uma força política que é a instalação das Juntas de Bom Governo e este é o coração de sua luta e de sua busca. Creio que 10 e 20 anos depois estão iniciando um projeto que se propõe durar não semanas, nem meses, nem anos, senão toda a vida. Estamos no início da política do EZLN.

¹ As Juntas de Bom Governo são novas estruturas de governo regional indígena nas zonas de influência do EZLN, que tem por objetivo, além da revitalização do processo político zapatista, um significativo passo na constituição de novas formas de governo indígena e de fortalecimento de seu processo de autonomia.

² Acordo assinado em 16 de fevereiro de 1996 entre o EZLN e os governos do Estado de Chiapas e Federal do México, sobre os direitos dos povos indígenas. Maiores informações em <http://www.indigenas.oit.or.cr/sandres.htm>

IHU On-Line - Como o EZLN vê o uso das armas dentro de sua luta social?

Carlos Montemayor - Eles fizeram uma divisão desde o início entre organização militar e organização política; entre as responsabilidades da estrutura militar e as responsabilidades de suas organizações comunitárias. Isso se tem afirmado com o estabelecimento das Juntas de Bom Governo. Eles mesmos têm estabelecido ali desde agosto de 2003 em comunicado assinado pelo subcomandante Marcos, que deixavam de ser porta-vozes das Juntas de Bom Governo porque, a partir desse momento a população política civil das comunidades indígenas seria responsável por seus próprios comunicados, organização e comunicação nacional, local ou internacional. A organização militar segue mantendo suas funções e treinamentos, em função de dois ou três lineamentos básicos. Eles tomaram as armas, porque não há outra possibilidade de defender, em seus próprios territórios, a avalanche de injustiça, despojo, roubo, violência que exercem sobre seus grupos as elites locais e nacionais. Em segundo lugar, eles declararam guerra ao governo mexicano, porque era a única forma de assegurar o submetimento do governo mexicano aos acordos internacionais de legislação de guerra. Grande parte da guerra suja realizada nos países de nosso continente em décadas passadas deveu-se à negação de que os Estados latino-americanos lutam contra movimentos sociais, que os enfrentaram. Desqualifica-se o caráter social, convertendo as lutas desses movimentos em delinqüência pura. Dessa forma se vêem livres de recorrer a convênios internacionais em matéria de instabilidade e de violência civil, nem haveria necessidade de intervenção de organizações internacionais como a Cruz Vermelha internacional ou as Nações Unidas. Assim que inclusive a organização militar no caso do EZLN tem uma função política.

IHU On-Line- Como aconteceu sua aproximação à convivência e estudo do EZLN?

Carlos Montemayor- Eu venho trabalhando desde 1980, de maneira ininterrupta com as culturas indígenas em várias línguas do país e em outras zonas do Continente. Minha primeira visita ao Estado de Chiapas foi em 1983 e esta investigação tem sido de ordem lingüística, literária, cultural, política, antropológica, de maneira que há muito compromisso no estudo das comunidades indígenas. Também meu trabalho novelístico e minha investigação estereográfica tem me levado ao seguimento dos movimentos armados no México. O EZLN constitui um cruzamento de caminhos de minhas duas principais vocações atuais.

IHU On-Line- Como definiria o subcomandante Marcos?

Carlos Montemayor- É uma grande figura política. Um grande pensador, um grande ativista, um grande transformador, mas também um homem aberto ao mundo, aberto às transformações, que a realidade mesma lhe propõe. Ele tem sido muito explícito sobre sua própria transformação pessoal a partir do vínculo com as comunidades indígenas, com a cultura indígena maia predominantemente. Mas, seria um erro crer que a estrutura política do EZLN seria explicável somente a partir da pessoa do subcomandante Marcos. Não é assim. Marcos tem sido muito claro ao dizer que a responsabilidade política corresponde às comunidades e a responsabilidade militar somente aos quadros militares. Ele nunca tem negado que constitui a cabeça militar do EZLN, mas nunca disse nem sugeriu que seja a cabeça, nem a razão de ser da própria força cultural e coesiva das comunidades indígenas.

IHU On-Line- Qual o papel das universidades em todo esse contexto mundial? Que mensagem daria à Unisinos, universidade na qual será lida esta entrevista?

Carlos Montemayor- A mensagem que, como universitário, eu poderia dizer à Unisinos é a defesa do conhecimento humano como patrimônio da humanidade. A globalização pretende converter o conhecimento numa patente comercial, numa patente de tecnologia, uma mercadoria ou segredo das empresas transnacionais. A universidade deve seguir sendo o símbolo de que o conhecimento humano é para a humanidade mesma e não para mero benefício de empresas privadas.